

“CIDADE DE DEUS”: DO MALANDRO AO MARGINAL

Prof. Janete Terezinha Ferron¹

Resumo:

O objetivo desta comunicação é fazer uma reflexão acerca da representação do marginalizado, dos chamados “excluídos” a partir da temática da violência urbana. Para isso optou-se pela análise de Cidade de Deus (1997), obra do escritor Paulo Lins. As noções sobre dialética da malandragem de Antonio Candido (1993) são empregadas como ponto de partida para o desenvolvimento dessa temática e confrontadas com os argumentos de João César Castro Rocha (2004) referente dialética da marginalidade. Castro Rocha propõe uma nova abordagem, cuja proposta é a de que a “dialética da malandragem” e a “ordem relacional” estão sendo substituídas pela dialética da marginalidade e pela ordem conflituosa. Para o teórico, a “dialética da marginalidade” pressupõe uma nova forma de relacionamento entre as classes sociais, em que a figura em destaque não é mais o malandro, mas sim o marginal, aquele que foi excluído pela sociedade e que assume uma nova postura: de objeto, para sujeito do discurso. Nesse sentido, busca-se investigar como as personagens e os elementos da narrativa contribuem para a lógica do sistema das relações sociais e de que forma esses dados se articulam para a representação desse brasileiro.

Palavras-chave: 1.Literatura Brasileira, 2.Dialética da Malandragem, 3.Dialética da Marginalidade, 4.Violência Urbana.

Introdução

Estereótipo do brasileiro, cantado em samba e verso, é a figura-síntese da representação nacional de uma personagem única: o malandro. Trata-se, pois, segundo Roberto DaMatta², de um jeito único, singular, “profundamente original e brasileiro de viver, e às vezes sobreviver (...)”. Presentemente, na literatura, no folclore, no cinema etc., o malandro certamente não é reconhecido somente pela sua linguagem ou vestimenta, mas a sua personalidade e todo um discurso em torno desta personagem fazem parte do imaginário brasileiro. É aí que se estabelece uma identificação com o modo de ser do brasileiro, ou seja, em que medida é possível associar o brasileiro aos traços do malandro. Para DaMatta, além de ser “uma personagem nacional”, o malandro seria “um profissional do ‘jeitinho’ e da arte de sobreviver em situações mais difíceis”(p. 102). E acrescenta:

A possibilidade de agir como malandro se dá em todos os lugares. Mas há uma área onde certamente ela é privilegiada. Quero referir-me à região do prazer e da sensualidade, zona onde o malandro é o concretizador da boêmia e o sujeito especial da boa vida. Aquela existência que permite desejar o máximo de prazer e bem-estar, com um mínimo de trabalho e esforço. (...) É um papel social que está à nossa disposição para ser vivido no momento em que acharmos que a lei pode ser esquecida ou até mesmo burlada com certa classe ou jeito. (DAMATTA, 1984. p. 103).

Este malandro, muitas vezes, representado como um sujeito oriundo das classes populares é bem sucedido nas situações em que percebe que pode tirar proveito. O “conforto” que goza advém dos pequenos golpes que aplica, da sua habilidade em envolver os “otários” com sua conversa-fiada, da sua flexibilidade e seu charme com o sexo oposto.

¹ Professora do Departamento de Comunicação da UTFPR. Mestre em Letras e Doutoranda em Estudos Literários (UFPR).

² DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 104.

No entanto, esta imagem de país colorido, tropical de malandro vivendo às custas de pequenos golpes, aos poucos dá lugar a uma nova paisagem: o caos urbano das favelas e o inevitável surgimento de outra representação do brasileiro vinculado a esse universo. Refugiada em favelas, onde a presença do mundo das normas estabelecidas é cada vez mais rara, a população isolada propicia a substituição do discurso de cordialidade e harmonia. Essa exclusão dá o tom do comportamento adotado para o perfil da nova imagem e linguagem do brasileiro, a da violência e do confronto. É o que será abordado neste texto. Antes, porém, é preciso retomar a questão do malandro para, na seqüência, abordarmos o conceito da “Dialética da Marginalidade”, bem como a análise de como a representação da identidade brasileira encontra-se em transformação dos traços do malandro ao marginal – a partir das personagens de “Cidade de Deus”.

1. As dialéticas

O malandro bem como a representação do modo de ser do brasileiro são amplamente discutidas por Antonio Candido em seu clássico ensaio “Dialética da Malandragem – Caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias”³. Analisando a forma do romance, Candido encontra um “princípio mediador”, cujas características estariam presentes tanto na ficção quanto na sociedade da segunda metade do século XIX. Para ele, tal princípio pode ser ilustrado, no romance de Manuel Antonio de Almeida, através de um “jogo dialético da ordem e da desordem, funcionando como correlativo ao que manifestava na sociedade daquele tempo” (CANDIDO, 1978. p. 336). Mais especificamente, Candido nota que o autor das “Memórias”, ao suprimir os escravos e as classes dirigentes de sua ficção, evidencia um setor social intermediário e anônimo na sociedade, representado pela figura do malandro. Tal personagem circula livremente pelas esferas sociais da ordem e da desordem e espera ser absorvido pelo pólo positivo. A dialética da malandragem seria, então, esse “princípio mediador” que resume a regra de um setor capital da sociedade brasileira (CANDIDO, 1978. p. 329-337).

Em “Carnavais, Malandros e Heróis”, Roberto DaMatta dialoga com a proposta de Candido a respeito da formação histórica brasileira, com base no jogo de relações entre as esferas representativas da ordem e da desordem. DaMatta afirma que o dilema brasileiro estaria na oscilação das leis e do universo das relações pessoais. A organização da cultura brasileira é obtida através da relação entre três espaços, a saber: o mundo do cotidiano, o mundo das festas e o mundo oficial, os quais manteriam uma unidade em forma de mosaico, ocultando as falhas do sistema social. Nesse universo, é também na base da malandragem, no “jogo do deixa disso”, que a sociedade brasileira funcionaria (DAMATTA, 1997. pp. 222-36).

Portanto, esses dois conceitos apontados até então, ou seja, o da “dialética da malandragem” e o “mundo da ordem relacional” justificam-se por apresentarem subsídios investigativos das representações culturais da sociedade brasileira atual. No entanto, acrescentaremos mais um conceito, e fundamental, para o propósito deste trabalho. Trata-se da “Dialética da Marginalidade”⁴. Nesse ensaio, João César Castro Rocha propõe uma nova abordagem, cuja proposta é a de que a “dialética da malandragem” e a “ordem relacional” estão sendo substituídas pela dialética da marginalidade e pela ordem conflituosa. Para o teórico, a “dialética da marginalidade” pressupõe uma nova forma de relacionamento entre as classes sociais, em que a figura em destaque não é mais o malandro, mas sim o marginal, aquele que foi excluído pela sociedade e que assume uma nova postura: de objeto, para sujeito do discurso. Ele inaugura um ponto de vista renovado sobre a miséria e a violência, pois, diferente do olhar da ideologia dominante, “(não) se trata de conciliar as diferenças (sociais), mas de evidenciá-las”. (ROCHA, 2004. p. 5).

³ CANDIDO, Antonio. *Dialética da Malandragem (Caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias)*. In: ALMEIDA, Manoel Antônio. *Memórias de um Sargento de Milícias*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

⁴ ROCHA, João César Castro. *Dialética da Marginalidade: caracterização da cultura brasileira contemporânea*. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 29 fev. 2004. Folha Mais!

Em, “Dialética da marginalidade”, Rocha também destaca o livro “Cidade de Deus” e aponta escritores como Paulo Lins e Ferréz, dentre outros, que vêm emergindo no cenário cultural contemporâneo. Tais autores têm como tema o cotidiano dos bairros de periferia das grandes cidades, cujo alvo é o dilema coletivo. Ou seja, eles se empenham em tentar interpretar e simbolizar as diferenças sociais representando os indivíduos que se encontram à margem da sociedade. Para Rocha, o livro “Cidade de Deus” inicia uma explicitação maior das contradições da dialética da malandragem e do sistema social brasileiro, inaugurando uma “radiografia da desigualdade” (ROCHA, 2004. p. 8). Em “Cidade de Deus”, Rocha observou uma representação simbólica da sociedade brasileira que possibilita uma outra interpretação da identidade brasileira: a marginalidade, a ruptura. Pode-se afirmar que essa representação simbólica é decorrente de outro fenômeno intimamente relacionado às manifestações culturais propriamente ditas, a representação do excluído, do marginal.

2. Uma leitura de “Cidade de Deus”

Para indicar os novos tempos, em “Cidade de Deus”, Lins fala em “neofavela”, em contraposição a uma concepção “tradicional” de favela, indicando, assim, o espaço dominado pela guerra entre os traficantes de droga; e entre eles e a polícia. Conforme Lins:

O pensamento, na Cidade de Deus, que é um condomínio, é urbanizado. Mas a linguagem é o favelesco. Daí se define o que é uma favela. O tipo de vida é o mesmo das favelas. É onde moram os negros, os nordestinos, a miséria. É onde têm bocas de fumo, onde se improvisa sempre. É onde está o que não presta na sociedade. (LINS, 1997a. p. 4)

Nesse sentido, ao se estabelecer uma inquietante ambivalência entre “malandros”, “bandidos”, “bichos soltos” e “vagabundos”, Paulo Lins consegue acompanhar a transformação do malandro (figura típica do Rio de Janeiro) no marginal, personagem ligada ao esquema do tráfico. Segundo Fernão Ramos⁵, a palavra marginal, socialmente falando, possui pelo menos dois significados:

O primeiro se refere a estar à margem de, à beira de, ao lado de alguma coisa, ou seja, próximo e relativo à significação da palavra “margem” [...]. O segundo significado exprime uma postura ideológica de nossa sociedade com relação a estar “à margem de” contido na primeira definição. A própria disposição das palavras já é significativa: “pessoa que vive à margem da sociedade ou da lei, vagabundo, mendigo ou delinqüente, fora da lei”. Junta-se, então, ao significado “estar à margem de”[...] a carga pejorativa contida em “delinqüente” e “vagabundo”. (RAMOS, 1987. pp. 15-16).

A partir do segundo significado da palavra marginal, deve-se, conforme Rocha, “ressaltar a ambigüidade do termo: o marginal pode ser tanto o excluído quanto o criminoso, e até os dois simultaneamente” (ROCHA, 2004, 8). Torna-se necessário estabelecer essas definições, pois a palavra marginal, no presente texto, será usada para caracterizar grupos de indivíduos que foram excluídos da sociedade. E o discurso que expõe o conflito e a ruptura na sociedade brasileira contemporânea vem suplantando a harmonia e a conciliação que dão a tônica da dialética da malandragem.

Em “Cidade de Deus”, Rocha observa a violência explícita da dialética da marginalidade, em que facilmente se reconhece o discurso dominante e dominado. Se, outrora o malandro conciliava; agora, o marginal quer confronto, guerra.

Deste modo, a dicotomia que havia na dialética da malandragem entre ordem e desordem, dissolveu-se. A marginalidade dá lugar à outra ordem. Policiais representantes da lei e da ordem

⁵ RAMOS, Fernão. *Cinema Marginal (1968-1973): a representação em seu limite*. São Paulo: EMBRAFILME/ MinC/ Brasiliense, 1987.

fazem parte da nova “indústria do tráfico” e fomentam grande parte da economia global. Da mesma forma que o malandro é o representante da dicotomia ordem/desordem, o marginal pode ser considerado, na cultura atual, o símbolo desta dissolução. Se antes o caminho escolhido pela malandragem era a transgressão através de atividades entendidas como “vadiagem”, hoje o tráfico de drogas é uma opção preferencial para os indivíduos que vivem na marginalidade. Nesse aspecto, “Cidade de Deus” exemplifica os processos constitutivos do tráfico no Rio e explora os possíveis motivos que levam jovens ao caminho da marginalidade e do uso ilegal de drogas. Em “Vidas Arriscadas – O cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico”, Marisa Feffermann explica esse processo:

Alguns estudos procuram mostrar que não é a pobreza, mas a própria estrutura do tráfico e o uso abusivo de drogas que geram os comportamentos violentos. Dessa forma, a pobreza não está associada à violência, mas, em conjugação com as falhas do Estado, pode permitir a escolha ou a adesão por subculturas marginais ao uso de drogas ilícitas. Na formação dessas subculturas influi o preconceito de agentes governistas e da sociedade em relação aos usuários de drogas. No entanto, os dados conduzem à desigualdade social que, (...) é componente determinante da explosão da violência. (FEFFERMANN, 2006. p. 54).

Assim, em “Cidade de Deus” pode-se perceber, inicialmente, que a falta de leis do Estado dentro do espaço narrativo provoca a emergência de uma violência sem regras, marcada pela individualidade. Na seqüência, uma violência intersubjetiva, em que assassinatos justificam-se por códigos de honra e vingança, como nas histórias do sertão brasileiro. Além disso, maridos traídos, mulheres que não suportam mais o cônjuge embriagado dentro do lar, delatores de bandidos, o assaltante que tem raiva do policial negro, tratando-se todos de indivíduos que executam as maiores atrocidades com as próprias mãos. Com o desenrolar do tempo, o tráfico de drogas confere poder a alguns líderes e promove o aumento do comércio de armas, o que, por sua vez, aumenta o número de assassinatos. Qualquer tipo de banalidade, qualquer impulso de ira ou vingança pessoal justificam a violência: é o policial que está insatisfeito com a vida, o traficante que “implica” com o parceiro de contrabandos, acessos de ódio ou desequilíbrios decorrentes da droga. A violência, ao longo das três partes do romance, acelera em ritmo crescente, e toma forma de uma interioridade, inespacial e psicológica, conduzida cegamente por desespero e angústia sem que o alvo exterior seja justificável. Através das várias identidades que vão sendo construídas, o romance consegue dar forma a uma coletividade ao mesmo tempo localizada, mas também identificável, fora de seu contexto de origem.

Retomando a dialética da malandragem, Candido aproxima os romances do gênero picaresco à representação malandra de Manoel Antônio de Almeida. Ao fazê-lo, o crítico constata que, tanto os pícaros quanto a personagem Leonardo Pataca, vivem um pouco “ao sabor da sorte” sem que reflitam sobre as situações que os rodeiam. A diferença essencial entre os dois estaria no desfecho, pois nas narrativas picarescas há um amadurecimento possibilitado pela experiência. No entanto, em “Memórias de um sargento de milícias”, o malandro não consegue chegar a uma reflexão acerca dos processos relacionados às experiências anteriores, ou seja, não há passagem para o mundo “adulto” proporcionada pela aprendizagem. Esta característica é melhor perceptível nas narrações em terceira pessoa em que o narrador se abstém de reflexões morais. Dessa forma, os personagens de Almeida são manipulados como fantoches do destino.

Em “Cidade de Deus”, as centenas de personagens que circulam pelo espaço ficcional do livro parecem também ser guiadas pela estrutura social fraturada capaz de levá-las aos embates brutais de seu cotidiano. Similares, nesse sentido, ao malandro Leonardo das “Memórias”, elas não têm consciência dessa exterioridade que as leva ora para o campo da ordem, ora para o da desordem. Mas a diferença essencial estaria na relação das personagens com o contexto social, pois elas se

encontram imersas em uma grande rede que as perpassa: a rede do tráfico e, conseqüentemente, da violência, da qual não têm como escapar. Nesse tecido, as dicotomias lei e transgressão já não se encontram bem definidas. São, ao contrário, categorias que se misturam e se diluem. O caráter polifônico e a escassez de aprofundamentos morais no romance Paulo Lins contribuem para a aproximação dos personagens a marionetes sociais.

De acordo com Rocha, as equivalências entre malandros, bandidos, “bicho-soltos”, “vagabundos” presentes em “Cidade de Deus” revelam um “gesto fundamental”, pois “em lugar da idealização do malandro (...) Paulo Lins revela o lado oculto de sua ginga, ou seja, esclarece que o malandro somente pode existir à custa de um otário; via de regra, é alguém do povo, um entre tantos dos inúmeros excluídos” (ROCHA, 2004. p. 6). Há outras características presentes em “Cidade de Deus” as quais podem ser destacadas segundo a representação do malandro e do marginal. Uma delas refere-se à personagem que tradicionalmente é reconhecida por ser freqüentadora da favela, e, ao mesmo tempo, estava presente nos locais privilegiados, reservados à classe média ou aos detentores do poder. Já o malandro de Lins, todavia, é mais um dentre os vários excluídos da sociedade. Suas personagens caracterizadas pela malandragem, no entanto, não podem ser dissociadas daquelas como bandidas. Dito isto, pode-se citar algumas expressões da malandragem “bandidesca” parodiadas em “Cidade de Deus”:

(...) bandido que é bandido não pode ser sugestionado. (p. 99)

Malandro que é malandro tem que saber chegar e saber sair, esperar a hora certa para tomar as atitudes. (p.128)

Tá vendo só como são esses malandro! Parceiro do meu marido e me cantando na maior! (...) não existe mulher difícil e sim cantada mal dada. (p. 137)

Malandro que é malandro não volta pelo mesmo caminho. Malandro só passa uma vez, malandro está sempre indo. (p. 147)

Bandido sem revólver é como puta sem cama. (LINS, 1997. p. 159)

Ou, então, a seguinte passagem:

Todos o respeitavam (...) Nunca levantariam a voz para o malandro mais conhecido nos morros cariocas. Até o Grande, bandido mais perigoso da cidade do Rio de Janeiro, tinha-lhe consideração. Atenderiam qualquer pedido de Salgueirinho. (Idem. p. 32)

Estes trechos, muitas vezes, servem como justificativas das ações empreendidas pelas personagens, ou mesmo se tratam de estereótipos que não fazem senão estigmatizar mais o marginalizado. O marginal de “Cidade de Deus” encontra-se representado pelos traficantes dos bandos de Zé Pequeno e Mané Galinha. A principal característica que diferencia o marginal do malandro, nesse caso, é quanto ao grau de periculosidade do primeiro, sendo este, portanto, mais violento. Assim, se o malandro de Candido estava inclinado a ser absorvido pelo lado positivo da ordem, em “Cidade de Deus” a violência e o isolamento como sustentação das relações sociais é evidenciada pelo poder na mão dos bandidos mirins.

Por outro lado, a ausência e inoperância do Estado na favela e a rara convivência com membros de outras classes sociais não é exclusivamente a justificativa para o comportamento dos personagens centrais. Em Zé Pequeno, por exemplo, pode-se ver uma transformação, pois ao contrário de Leonardo Pataca (malandro clássico) ele é um brasileiro que planeja seu futuro, toma decisões e tem iniciativa. Além disso, possui traços de personalidade que, a princípio, são condizentes com o homem de seu tempo, no entanto, tudo em Zé Pequeno é exacerbado, com doses de hiper-realismo. Por outro lado, Zé Pequeno não possui uma relação de dependência e desejo de aceitação da sociedade em cujas circunstâncias de desigualdade pudesse encontrar a justificativa para seu caráter. Não é sua intenção dominar o mundo, ele quer dominar Cidade de Deus – mais

uma clara referência do isolamento provocado pela exclusão. Por estar à margem das regras de convivência estabelecidas no âmbito da ordem da sociedade, Zé Pequeno manifesta seu discurso pela violência e não se importa por ser “absorvido” pelo outro lado de Cidade de Deus.

Considerações finais

Na sua reflexão acerca das representações do universo brasileiro, Rocha, como afirmamos, sugere a suplantação, ao menos parcial, da dialética da malandragem pela dialética da marginalidade: é o “confronto” em oposição à “conciliação”. O crítico divide em dois grupos distintos os opositores do que denominou “batalha simbólica” entre dois modos de ver o brasileiro: através da “crítica certa da desigualdade social” e da “conciliação das diferenças”. (ROCHA, 2004).

O que se pode afirmar é que em “Cidade de Deus” os mecanismos de mediação social encontram-se fraturados. Se ao malandro é permitido o trânsito na sociedade, as personagens (socialmente excluídas), não encontram mais por onde dar vazão à sua presença na sociedade. Assim, o excluído, ou seja, o marginal segundo Rocha, passa a perder as vias de inserção social, personificando outro tipo de estereótipo de brasileiro que precisa de mais elementos para ser compreendido. O tom conciliador inerente ao malandro, alternativa para a solução dos mais variados problemas, já não é mais suficiente por si mesmo e gera os primeiros sinais de sua ineficiência para interpretação da dinâmica social aqui representada. Os artifícios utilizados pelo malandro para atenuar a violência sutil do seu cotidiano já não são suficientes diante dos percalços sofridos por ele. Esse dado novo – a violência – na representação do brasileiro não contempla o perfil do malandro de Candido (1978).

Por fim, uma outra possibilidade vislumbrada por Rocha a respeito do romance “Cidade de Deus”, do texto marginal⁶ em si, algo que vai além da percepção do estereótipo do caráter brasileiro aqui abordado. O texto marginal para Rocha é um indicador de uma tentativa do Brasil, que está à margem, falar sobre o que é estar à margem. O crítico também encontra na figura do marginal uma resposta dialética ao malandro, num sistema complexo, que mescla a origem e o destino das personagens que tentam encarnar uma imagem do caráter brasileiro. As personagens de “Cidade de Deus” ainda têm outros elementos determinantes; elas são contemporâneas e urbanas – o próprio termo marginal, que inúmeras vezes permeia esse tema, refere-se à distribuição geográfica e econômica da sociedade contemporânea. É marginal quem está à margem do centro industrializado e desenvolvido da sociedade.

Referências Bibliográficas

- [1] CANDIDO, Antonio. *Dialética da Malandragem: Caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias*. In: ALMEIDA, Manoel Antônio. *Memórias de um Sargento de Milícias*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- [2] DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- [3] _____. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- [4] FEFFERMANN, Marisa. *Vidas arriscadas: o cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico*. Petrópolis, Vozes, 2006.
- [5] FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- [6] HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

⁶ A precursora Carolina de Jesus, Paulo Lins, Ferréz, dentre outros, são considerados pela crítica como autores de Literatura Marginal.

- [7] LINS, Paulo. *Cidade de Deus*. São Paulo: Campinas, Companhia das Letras, 1997.
- [8] _____. *Cidade de Deus*, o livro, dá voz a quem não tem mais nada. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 16 ago. 1997a. Ilustrada. Entrevista concedida a Marcelo Rubens Paiva.
- [9] RAMOS, Fernão. *Cinema Marginal (1968-1973): a representação em seu limite*. São Paulo: EMBRAFILME/ MinC/ Brasiliense, 1987.
- [10] ROCHA, João César Castro. *Dialética da Marginalidade: caracterização da cultura brasileira contemporânea*. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 29 fev. 2004. Folha Mais!
- [11] SCHWARZ, Roberto. *Cidade de Deus. Seqüências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.